

## **Educação popular e militância: as Comunidades Eclesiais de Base em Juruti-PA (1970-1990)**

Raimundo Jorge da Cruz Couto<sup>1</sup>, Anselmo Alencar Colares<sup>2</sup>

### **Resumo**

O presente artigo discute a eficiência da educação de caráter popular em Juruti, município da Amazônia paraense. Dos anos de 1970 a 1992, freiras Franciscanas de Maristella e padres desenvolveram um projeto no município que englobava assistência à saúde, construção de casas populares em regime de mutirão, incentivo à geração de renda através de artesanato, e atendimento às crianças carentes por meio de creches e pré-escolas. Os envolvidos no projeto eram atuantes em um movimento chamado Comunidades Eclesiais de Base (CEB). A dinâmica das CEB consistia em ligar os ensinamentos bíblicos à necessidade de que as pequenas comunidades lutassem contra a opressão dos grandes fazendeiros e empresários. Em Juruti, contribuíram para o fortalecimento dos pequenos agricultores através do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e foram importantes fomentadoras de conflitos contra os grandes latifundiários que, com o intuito de utilizar grandes faixas de terras produtivas como moeda de troca no mercado de exploração madeireira e agrícola, prejudicavam a economia por as manterem inutilizadas. O acirramento dos conflitos e as ameaças constantes de violência culminaram com a saída das freiras da sede do município em 1992.

### **Palavras-chave**

Ver. Julgar. Agir.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação na Educanorte, Polo Santarém, Amazonas, Brasil; assistente administrativo na Universidade Federal do Oeste do Pará, Brasil. E-mail: jorgeccouto@hotmail.com.

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Universidade de Campinas, São Paulo, Brasil; estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Rondônia, Brasil; professor titular do Instituto de Ciências da Educação da Universidade Federal do Oeste do Pará, Brasil. E-mail: anselmocolares@gmail.com.

**Popular education and militancy: Base Ecclesiastical Communities in Juruti, State of Pará, Brazil, (1970-1990)**

Raimundo Jorge da Cruz Couto<sup>3</sup>, Anselmo Alencar Colares<sup>4</sup>

**Abstract**

This article discusses the efficiency of popular education in Juruti, a municipality in the Amazon region of Pará. From 1970 to 1992, the Franciscan nuns Maristella, with priests, developed a project in the municipality that included health care, construction of popular houses in a collective effort, incentives to generate income through handicrafts and assistance to needy children through kindergartens and preschools. Those involved in the project were also active in a movement called Base Ecclesiastical Communities (CEB). The dynamics of the CEB consisted of linking biblical teachings to the needs of small communities to fight for their rights, especially against the oppression of large farmers and businessmen. In Juruti, CEB contributed to the strengthening of small farmers through the Rural Workers Union and were also important promoters of conflicts against large landowners who harmed the economy by keeping unused large swaths of productive land to be used as a bargaining chip in the market of logging and agriculture. The intensification of conflicts and the constant threats of violence culminated in the departure of the nuns from the municipal headquarters in 1992.

**Keywords**

To see. To judge. To act.

---

<sup>3</sup> PhD student in Education, Educante, Polo Santarém, State of Amazonas; administrative assistant at the Federal University of West Pará, State of Pará, Brazil. E-mail: jorgeccouto@hotmail.com.

<sup>4</sup> PhD in Education, State University of Campinas, State of São Paulo, Brazil; postdoctoral internship at the Federal University of Rondônia, State of Rondônia, Brazil; full professor at the Institute of Educational Sciences, Federal University of Western Pará, State of Pará, Brazil. E-mail: anselmocolares@gmail.com.

## Introdução

Nas décadas de 1960 e 1970, uma parte da Igreja Católica na América Latina se aproximou da dura realidade social de violência e pobreza nas periferias de grandes cidades e de regiões distantes de centros econômicos. Era um período de agitação mundial impulsionado pela Guerra Fria entre os Estados Unidos da América e a antiga União Soviética (1947-1989), que saíram como potências depois do conflito da Segunda Guerra Mundial e começaram a medir forças no campo da política, ciência e economia mundial. Alguns episódios ilustravam o período de tensão entre as nações que representavam os sistemas capitalista e o socialista, como a chegada do homem à lua, a ampliação do arsenal atômico, a tomada de Cuba por Fidel Castro, dentre outros. O mundo ficou à beira de um grave conflito e, dessa vez, com reais possibilidades de extinção da humanidade devido à letalidade das armas de destruição em massa.

Nesse contexto de ameaças, a Igreja Católica elegeu o papa João XXIII em 1958, com a idade de 77 anos. Ele era considerado um papa de transição, que logo daria lugar a algum cardeal com menos idade e mais vigor físico. O que ninguém esperava era que, mesmo com idade avançada, o carismático papa se tornasse um reformador. Em seu pontificado de 5 anos, fez transformações profundas na estrutura da Igreja Católica. Em suas obras *Encíclicas Mater et Magistra* (Mãe e Mestra) e *Pacem in Terris* (Paz na Terra), fez duras críticas à corrida armamentista, ao subdesenvolvimento das periferias mundiais, ao êxodo rural e, também, alertou que o lucro desenfreado das grandes empresas era uma das causas da miséria humana. Também clamou por igualdade, por justiça, pelo fim dos conflitos e inaugurou, em dezembro de 1961, o Concílio Vaticano II<sup>5</sup>.

Devido ao apelo do Concílio Vaticano II, os cardeais da América Latina, ao final dos anos de 1960, convocaram duas conferências, uma na cidade de Medellín (Colômbia) e outra na cidade de Puebla (México), onde reafirmaram a opção preferencial da Igreja pelos trabalhadores que estavam à margem do poder político e econômico. É nesse período que, por influência da Guerra Fria e pela conquista de Cuba pelos socialistas, os EUA adotaram uma política de financiamento de militares de diversos países latinos, incluindo o Brasil, objetivando conter o avanço comunista através de regimes políticos autoritários.

---

<sup>5</sup> O Concílio Vaticano II foi um evento ocorrido nas dependências da Igreja Católica em Roma entre os anos de 1962 e 1965, que contou com a presença de bispos do mundo inteiro sob a liderança do papa João XXIII e, depois, sob a de Paulo VI. O objetivo geral do Concílio era aproximar a Igreja Católica da realidade conjuntural. Nele, foram tratados temas como o ecumenismo e condenados os abusos causados à natureza e ao ser humano pela ganância financeira do capitalismo.

Após a promulgação do documento final do Concílio Vaticano II e das conferências de Medelim e Puebla, proliferaram-se, na América Latina, os movimentos de formação de lideranças cristãs, nos quais, além dos ensinamentos religiosos, também eram enfatizados ensinamentos críticos sobre realidade social. Nesse contexto, são divulgados textos de eminentes teólogos, como Frei Betto, Leonardo Boff e Leônidas Proaño, os quais ligavam os escritos bíblicos à luta por justiça e por melhores condições de vida aos pobres. Esses textos atacavam ferozmente o egoísmo e a ambição por acúmulo do capitalismo financeiro e por destruírem a natureza e desrespeitarem a dignidade humana nas periferias.

É justamente nesse período que chegam a Juruti padres e freiras entusiasmados com a nova postura da Igreja de se aproximar da realidade social. Em meados dos anos de 1960, chegam ao município, vindos da Alemanha, os padres Paulo Suess (que, na década de 1980, depois que saiu de Juruti, tornar-se-ia um dos maiores teólogos com residência na América Latina, além de ser o autor do clássico *A conquista espiritual da América Espanhola*) e Pedro Meyer. Na década de 1970, chegam as freiras da Congregação de Maristella e os padres Alfonso Blumenfield e Fernando Bee. Esses religiosos estimularão o processo de educação popular, envolvendo religião e realidade social através de Comunidades Eclesiais de Base (CEB) que, em pouco tempo, reordenarão as estruturas sociais e políticas do município, gerando tensões com a classe mais abastada da região.

A opção metodológica para a pesquisa será o materialismo histórico-dialético, tendo, como base teórica, o pensamento de Freire (1987), Gramsci (1999), Marx (2013) e Gadotti (2000). Na medida em que os comunitários refletem, nas reuniões das CEB, sobre sua situação de subserviência diante das ameaças dos grandes latifundiários, iniciam-se, então, as reações populares e começam a medir força através dos conflitos. Nesse sentido, o objetivo do texto será demonstrar o quanto um movimento social pode influir, política e socialmente, no destino de cidadãos de um município. E a pergunta que conduzirá este estudo será: de que forma a educação de base popular pode ser um fator para o enfrentamento da desigualdade presente em nossa sociedade?

### **Elaborando estratégias**

Juruti é uma cidade paraense situada à margem direita do rio Amazonas, extremo oeste do estado do Pará. Sua economia sempre foi baseada na agricultura de subsistência e, nos últimos anos, acrescentou-se a exploração do minério de bauxita, o que gerou um tímido impulso econômico. Os antigos padres que trabalhavam no município pertenciam à

Congregação Franciscana e sua atuação era baseada no cumprimento dos sacramentos litúrgicos da igreja: casar, batizar, rezar missa e confessar. Para isso, visitavam periodicamente as comunidades em uma ação que eles chamavam de desobriga<sup>6</sup>.

Quando os novos padres e freiras chegaram ao município em meados dos anos de 1960 e 1970, perceberam que os sacerdotes antecedentes tinham uma relação próxima às famílias dos fazendeiros e comerciantes da cidade. Inclusive, quando os padres não estavam na desobriga, as refeições eram feitas nas casas dos senhores e senhoras de famílias tradicionais do município. Essa atitude era cômoda para os padres, mas crítica do ponto de vista político, porque muitos desses fazendeiros e comerciantes eram os eternos mandatários de cargos eletivos e tinham uma relação promíscua de exploração da força de trabalho do campo. Além do mais, tais senhores eram donos de vastidões de acres de terras improdutivas, reservadas somente para especulação ou para servir de lastro para empréstimos bancários. Uma das observações feitas pelos padres e freiras foi a frieza e certo menosprezo no trato com os empregados domésticos. Diante dessa realidade, a primeira ação foi estruturar a cozinha na casa paroquial e, assim, não depender mais das refeições nas casas dos “ricos”.

A história de todas as sociedades até o presente movimentou-se em torno de antagonismos de classe que, em cada época, se apresentavam de forma diferente. Quaisquer que tenham sido essas formas, a exploração de uma parcela da sociedade por outra é um fato comum em todos os séculos passados. Por isso, não é de se estranhar que a consciência social de todas as épocas, apesar da diversidade e da diferença, se movimente segundo certas formas comuns; em formas de consciência que só se dissolverão com o desaparecimento dos antagonismos de classe. (MARX; ENGELS, 2008, p. 40).

A situação no município, nesse período, era praticamente de calamidade. Não havia estrutura sanitária, a saúde era precária e as condições materiais das pessoas eram de subsistência. Quando havia um caso grave de doença, era preciso viajar horas a fio para Óbidos ou Santarém. Dezenas de mulheres morriam no parto por falta de assistência mínima. Diante desse quadro, os padres e as freiras construíram de imediato uma casa de saúde para o atendimento da população, trouxeram enfermeiras e, esporadicamente, médicos para tratar da saúde da população. Isso foi um alívio imediato, principalmente para aqueles que não dispunham de recursos para se deslocar do município. Para Marx (2013, p. 726), “o aumento

---

<sup>6</sup> Viajando pela zona rural e exercendo o sacerdócio: rezando missa, batizando, casando na fé católica e demais atividades eclesiais.

das privações e da miséria da classe trabalhadora é acompanhada, ao mesmo tempo, de uma acumulação constante de riqueza nas classes superiores”.

A educação das crianças era outro fator preocupante para ser amenizado na cidade. Logo de início, as freiras ficaram responsáveis pela principal escola do município, chamada de Educandário Nossa Senhora da Saúde, ligada à Igreja. Assim que conseguiram estruturar a escola, repassaram a administração para a Secretaria de Educação do Estado do Pará. A prioridade delas se concentrou na oferta de educação pré-escolar e infantil. Segundo Couto e Colares (2021), os pais e mães das crianças de Juruti não tinham espaço adequado para deixar suas crianças quando iam para a roça diariamente. Por isso, a alternativa era deixá-los em casa sob o cuidado de um parente, dos irmãos maiores ou, então, levá-los para o trabalho, o que era perigoso por conta dos bichos peçonhentos e das intempéries do clima. Em 1977, a Igreja firmou convênio com a extinta Legião Brasileira de Assistência (LBA) para a manutenção de creches e pré-escolas. Com isso, ao longo de 40 anos, foram construídas 22 unidades na cidade e no interior.

Outra frente de trabalho foi a criação de cursos de corte e costura, arte culinária e cerâmica decorativa. Desses cursos, surgiu o artesanato, que logo se expandiu e se mostrou um empreendimento lucrativo, gerador de renda para várias famílias. Segundo Couto e Colares (2021), o artesanato de Juruti teve boa aceitação nas feiras pelo país e na Europa, principalmente Alemanha e Hungria, onde se vendiam bordados finos.

Outro projeto importante foi a construção de casas populares em regime de puxirum, em que ao menos cinco famílias se reuniam e construía as residências com material barato, mas resistente. Com apoio financeiro de projetos da Europa e, também, da LBA, foram construídas mais de 300 casas.

Com o desenvolvimento das atividades sociais, os religiosos começaram a ganhar a confiança da população. Eram centenas de reuniões organizadas para estruturar os trabalhos dos projetos e que, também, serviam como catequese religiosa. Nessas reuniões, era desenvolvida, intencionalmente, uma linha de ensino e aprendizagem em que o objetivo principal era a reflexão e transformação da realidade social.

### **A pedagogia popular**

O material produzido e a parte pedagógica ficaram sob a responsabilidade do padre Alfonso Blumenfield e da freira Gertrud Kalistchek. Em alguns momentos, foram assessorados pelo padre Fernando Bee e outras freiras da Congregação Maristella. A

metodologia pedagógica era a mesma adotada em todo o país pelas CEB – Ver, Julgar e Agir – mas a elaboração das cartilhas, que eram distribuídas aos grupos, tinha, como autores, os padres e freiras que atuavam no município. Por mais que usassem vasto material para formação vindos das livrarias, o objetivo era sempre transpor para a realidade do município e, de preferência, com uma linguagem que fosse compreensível aos membros participantes dos grupos.

O método “Ver, Julgar e Agir” foi, inicialmente, elaborado e aplicado aos jovens operários no início do século XX, pelo padre belga Josef-Léon Cardijn que, depois, tornou-se Cardeal Romano. A inspiração para a elaboração do método veio das obras dos filósofos e teólogos humanistas Jacques Maritain, Emmanuel Mounier, Teilhard de Chardin, Yves Congar e Marie-Dominique Chenu. Dentre a pluralidade de pensamento, destacam-se a democracia cristã (o padre divide uma parte de suas responsabilidades sociais e religiosas com os seus paroquianos), o apoio à ciência, a defesa da natureza, da integridade humana, a condenação da miséria de todas as guerras. Marx (2013) reclama da farsa descarada do mercado ao usar os números para dizer que os operários melhoram de situação financeira. Como podia ser melhor se as condições de saúde e salubridade eram as piores possíveis para as famílias trabalhadoras? Naquela situação, só restava ao operário lutar pela sua sobrevivência, enquanto os ricos usufruíam de toda a segurança de uma vida confortável e saudável.

Utilizada primeiramente nos grupos de jovens operários católicos (JOC), a metodologia, aparentemente simples, consistia em “ver” uma situação social específica que afetava a realidade local. Em seguida “julgava-se” essa realidade, tendo como suporte os escritos bíblicos, e depois partia-se para a “ação”, com o intuito de resolver aquela situação. Nesse meio tempo, havia a execução de cantos e apresentação de peças teatrais que enfatizavam aquela realidade. Esse tipo de dinâmica metodológica se espalhou pelos vários grupos da Igreja e se tornou um importante instrumento nas atividades sociais.

Segundo Barbosa (2008), as CEB começaram a ter relevância, aqui no Brasil, a partir de 1966, quando a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) elaborou um plano chamado Pastoral de Conjunto ou PPC. Inspirados no Concílio Vaticano II e, logo em seguida, nas conferências de Medelín e Puebla, os bispos do Brasil incentivaram as CEB em suas paróquias locais por várias razões práticas, como pela ação de enfrentamento à violência e pelas cobranças para efetivação de políticas públicas às comunidades. Além da atenção aos problemas sociais, as CEB resolveriam outro problema sério para a Igreja, que era a carência de lideranças cristãs. Esta seria a parte democrática em que se dividiriam as responsabilidades

da Igreja com os leigos, ou seja, pessoas sem as ordens sacramentais específicas de diaconato e presbiterado.

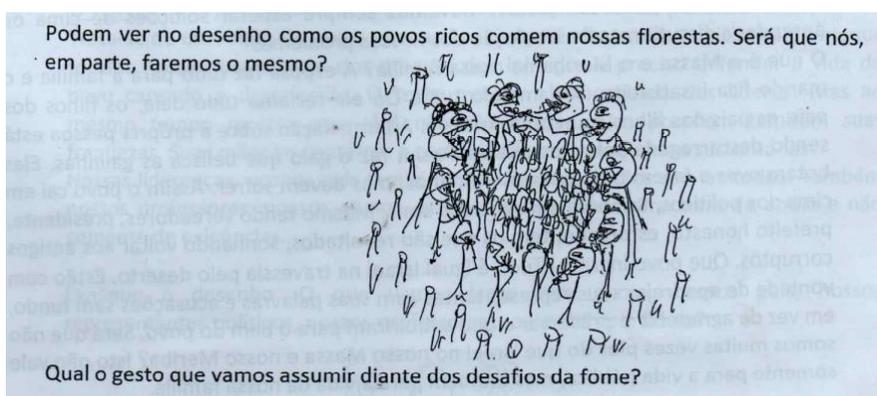
O Brasil atravessava um período muito difícil da sua história política. A partir de 1964, o país deixa de ser plenamente democrático e passa a viver sob o regime autoritário dos militares. É um período sombrio para os que se opunham às atrocidades do governo. O destino de quem ousava lutar pela redemocratização era a tortura e morte nas prisões oficiais ou o exílio nos países latinos ou europeus. Nessa realidade, a Igreja Católica teve papel importante no processo de amenizar o sofrimento de quem se escondia da ditadura e, também, foi importante em denunciar as atrocidades dos militares pelo mundo. Dom Helder Câmara, bispo de Olinda e Recife, foi o que mais se destacou denunciando, em conferências mundiais, os abusos cometidos pelos militares. Mesmo tendo sua casa alvejada em 1968 por tiros de metralhadora, eles não conseguiram intimidá-lo. Outro bispo de destaque foi dom Aluísio Lorscheider, arcebispo de Fortaleza, que foi preso por defender a democracia, ato esse autoritário e que foi extensamente criticado pela comunidade internacional e somou para o enfraquecimento da ditadura. Também tiveram papel importante na retomada democrática do Brasil dom Paulo Evaristo Arns, arcebispo de São Paulo, e Vicente Scherer, presidente da CNBB na época. Uma das características dessas igrejas administradas por esses bispos era a forte atuação das CEB, principalmente no Nordeste. Se precisassem tomar uma atitude diante da escalada de violência dos militares, os movimentos sociais, como as CEB, foram importantes instrumentos de reflexão e enfrentamento da crise política que assolava o país.

Aos grupos militantes ligados à Igreja Católica, a agitação política das décadas de 60 e 70 serviu como contexto para o Desenvolvimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEB) e da Teologia da Libertação (TL ou TdL). As crises econômica e política – caracterizadas nos regimes militares – e o fracasso da política de desenvolvimento dos anos anteriores, aprofundaram-se, tornando insuportável para as camadas populares. Estas passaram a ver nos movimentos sociais uma saída, com suas propostas de mudança social. Somam-se a esse contexto [...] dois fatores: (a) a ascensão do Papado de João XXIII (1962 – 1965); (b) a Revolução Cubana e 1959. Esses fatos possibilitaram reflexões e esperanças em setores progressistas da Igreja e da sociedade latino-americana. (SANTOS, 2006, p. 13).

Os religiosos em Juruti seguiam animados com as lutas desencadeadas pelo país que buscavam alternativas para a redemocratização e, também, pelas lutas dos pequenos lavradores por regularização fundiária, melhores condições de trabalho no campo e de escoamento de seus produtos a um preço justo. Os padres e as freiras se empenharam para serem pontes dessas novas orientações da Igreja. Muitas vezes, enfrentavam dificuldades e

tinham que usar da criatividade para equacionar os problemas. Uma delas era o alto índice de analfabetismo entre os comunitários. Além do estímulo para que retomassem os estudos, padre Alfonso e irmã Gertrud utilizavam, com muita frequência, o recurso didático do desenho. Por mais que, artisticamente, não fossem uma obra-prima, os desenhos ajudavam na compreensão da mensagem e, também, na alfabetização. Na figura 1, vê-se o desenho de uma floresta sendo devorada por gananciosos exploradores, e Blumenfield (1990) coloca duas perguntas para a reflexão: “Podem ver no desenho como os povos ricos comem nossas florestas. Será que nós, em parte, faremos o mesmo? Qual o gesto que vamos assumir diante dos desafios da fome?”

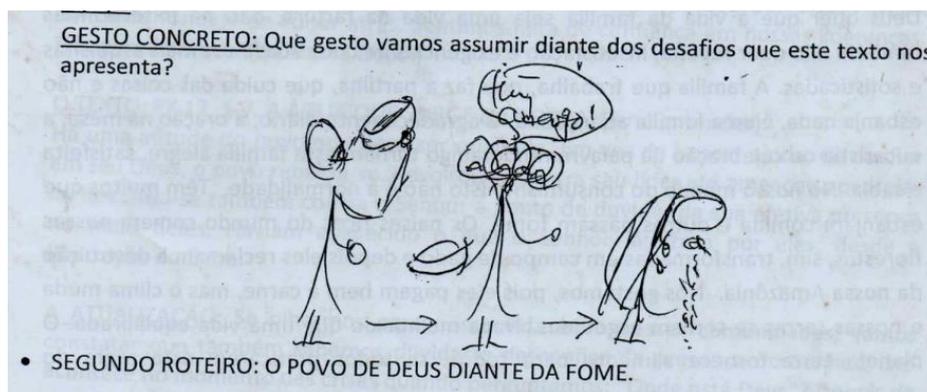
**Figura 1** - Trecho da cartilha das CEB de Juruti



Fonte: Paróquia Nossa Senhora da Saúde de Juruti (1990).

Na figura 2, fala-se de todas as dificuldades que o povo Hebreu passou para atravessar o deserto quando fugiram do Egito sob a proteção do profeta Moisés. Nessa figura, a reflexão gira em torno da fome que assola os mais pobres e, também, da fome religiosa. Blumenfield (1990) coloca uma pergunta para reflexão: “Que gesto vamos assumir diante dos desafios que este texto nos apresenta?”.

**Figura 2** - Trecho da cartilha das CEB de Juruti



Fonte: Paróquia Nossa Senhora da Saúde de Juruti (1990).

Nos 32 anos de permanência da freira Gertrud e mais de 40 anos do padre Alfonso, foram elaboradas centenas e centenas de cartilhas das CEB, que foram espalhadas para as mais de 100 comunidades urbanas e rurais. Nesse período, foram formados, também, centenas de lideranças comunitárias. Essa formação era da responsabilidade dos padres, freiras e da sede da Prelazia de Óbidos, que contratava teólogos e filósofos para ministrar vários cursos durante o ano. Esse era um processo de democratização dos conhecimentos sociais e religiosos que eram compartilhados pelas lideranças leigas e eclesiais.

Segundo Gadotti (2000), o conceito de educação popular difundido por Paulo Freire é de uma riqueza imensurável e de uma contribuição sem precedentes para toda a América Latina. Essa empolgação de Gadotti é compreensível porque a proposta de Paulo Freire é essencialmente humana. Em várias oportunidades, Freire reiterou a importância de valorizar o conhecimento adquirido pelos mais simples e defendeu que era preciso problematizar o senso comum, incorporando um raciocínio mais rigoroso e científico. Nenhum conhecimento pode ser descartado. Freire também enfatizava que as lutas por emprego, moradia, alimentação e transporte deveriam fazer parte das discussões diárias nos círculos educacionais. A máxima expressão do estudioso era “ninguém educa ninguém” (FREIRE, 1987), porque educação emancipadora é uma construção coletiva na qual todos contribuem com seu “punhado” de história de vida para a construção da sociedade. Para se chegar a esse ponto, era preciso ter a consciência de si e de toda a desigualdade expressa nas relações sociais. Freire (1987, p. 92), em seu livro *Pedagogia do oprimido*, reforça o conceito: “As elites dominadoras sabem tão bem disto que, em certos níveis seus, até instintivamente, usam todos os meios, mesmo a violência física, para proibir que as massas pensem”.

Freire (1987) enfatiza, com veemência, a total importância da unidade das comunidades rumo à superação do estigma opressor que assola os países latinos:

É desnecessário dizer que esta crítica não atinge os esforços neste setor que, numa perspectiva dialética, orientam no sentido da ação que se funda na compreensão da comunidade local como totalidade em si e parcialidade de uma totalidade maior. Atinge aqueles que não levam em conta que o desenvolvimento da comunidade local não se pode dar a não ser dentro do contexto total de que faz parte, em interação com outras parcialidades, o que implica na consciência da unidade na diversificação, da organização que canalize as forças dispersas e na consciência clara da necessidade de transformação da realidade. Tudo isto é que assusta, razoavelmente, aos opressores. (FREIRE, 1987, p. 125-126).

Seguindo as diretrizes do Concílio Vaticano II (1962) e demais autores da Pedagogia Popular, como Paulo Freire, os religiosos em Juruti, desde os meados de 1970 até os anos

2000, baseavam-se na metodologia difundida na Europa pelo cardeal Cardijn: ver, julgar e agir. Vejamos o exemplo de uma das lições das CEB dos anos de 1980:

Não aplicar aquilo que aprendeu no curso de agricultura; Tirar a terra dos outros (grileiro); Deixar a política atual crescer que é contra o pequeno agricultor; Vender para os que nos ajudam por um preço alto e para os que nos exploram por um preço baixo (sim, acontece!); Tirar dinheiro do banco para plantar e comprar relógio e toca-discos; Deixar passar o tempo melhor do plantio por descuido; Não plantar e não comer todo dia verdura; Votar pelo explorador e seu partido em lugar de votar pelo que trabalha pelo bem do lavrador e seu partido; Não aprender “daquilo” que acontece no Sul do Pará (perseguição e mortes) e não querer acordar. Continue....

4. o que diz a palavra de Deus. Jo 3.14 – 21

Quem são na vida do lavrador aqueles que odeiam a luz e fogem dele? (os que mexem nas plantas e animais dos outros ...)

Quem são aqueles que vivem de acordo com a verdade procurando a luz...

Deus amou o mundo e ele continua amando a terra e tudo o que ela produz. Ele quer preservar a natureza contra os que exploram e destroem.

Você quer imitar Nicodemos, quer dizer, ser lavrador que busca, se educa, se organiza?

#### 5. DOMINGO DA QUARESMA – EDUCAÇÃO NAS RELAÇÕES HUMANAS

1. Para pensar (não pra ler) A vida humana particular e comunitária não se constrói somente através de atos heroicos e de decisões monumentais que chama atenção de todo o mundo, mas também e talvez em primeiro lugar através de milhares de passos pequenos que preparam as grandes mudanças e as torna definitivas. Mil pequenas coisas são capazes e necessárias. (KALISTCHEK; BLUMENFIELD, 1986, p. 2).

Na primeira parte do texto, os autores elencam uma série de problemas detectados nas comunidades que atrapalham o seu desenvolvimento. Dentre esses problemas, destacam-se a negligência do pequeno agricultor em não plantar no tempo certo e o apoio aos políticos que não defendem a agricultura de pequena escala. A partir da detecção do problema, segue-se para o próximo passo, que é o julgamento, tendo como pano de fundo as escrituras bíblicas. Nesse caso específico, a leitura do Novo Testamento de João faz um paralelo sobre luz e trevas e, também, enaltece Nicodemos como homem justo e bom trabalhador. No próprio item do julgar, os autores já dão pistas para o agir a partir da pergunta: “você quer imitar Nicodemos, quer dizer, sendo lavrador que busca, se educa, se organiza?”. A partir daí, as pessoas são convidadas a tomar uma atitude que modifique sua própria realidade. Em boa parte das cartilhas, padre Alfonso e irmã Gertrud insistiam nos benefícios de juntar as forças dos comunitários através de associações legais e um sindicato de trabalhadores. A ideia seria fomentar um processo dialético, como ilustra a figura 3.

**Figura 3 - A dinâmica das CEB**



Fonte: Ação Católica Rural (2011-2012).

Para Carvalho e Estêvão (2013), uma pedagogia crítica que se propõe a transformar o mundo nasce a partir da problematização da realidade e da indignação diante da ausência de políticas públicas para quem precisa, enquanto sobram incentivos governamentais a quem destrói a natureza e não gera benefícios à população.

A Pedagogia Crítica compreende e critica [...] os complexos mecanismos de poder e opressão em um sistema global de desigualdades, dispondo de ferramentas para desmascarar políticas de poder e desigualdade e de práticas pedagógicas e políticas para impedir/enfrentar seus efeitos. Compreendendo os emaranhados do poder e de seus efeitos quer sobre a sociedade, quer sobre os indivíduos em particular, a partir da problematização da realidade, de uma reflexão teórica e contextual interessada, o indivíduo poderá organizar formas de resistência e enfrentamento, resistindo a uma política da intolerância, da divisão e da exclusão. (CARVALHO; ESTÊVÃO, 2013, p. 417).

Essa ação educacional popular foi amplamente divulgada por mais de 40 anos em Juruti e acabou gerando resultados positivos, principalmente para os pequenos lavradores, que melhoraram a produção agrícola. Contudo, o mais impressionante nesse processo foi a consciência crítica adquirida durante esses anos, o que os fez entrar em choque com grandes proprietários de terras que usavam de sua influência para regularizar terrenos com intuito de valorizá-los no mercado e, depois, usá-los como mercadoria ou, então, conseguir concessões de terras dos militares que ainda eram habitadas, aproveitando-se da pobreza e da falta de

conhecimento legal dos pequenos lavradores. Com o estímulo das CEB e a criação e fortalecimento do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, essa realidade começou a se modificar.

### **Criação do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Juruti**

Quando os padres e as freiras estimulavam as reuniões das CEB em todo o município, havia sempre a preocupação com o aspecto religioso e, ao mesmo tempo, com o social. A ideia geral era que, sozinho ou somente com o apoio de uma família, não teriam força suficiente para lutar contra a opressão dos grandes comerciantes e fazendeiros. Era preciso pensar em outras estratégias em torno de um ideal comum. Nas cartilhas das CEB, havia sempre o estímulo para a sindicalização. O problema em Juruti era que, no início, o Sindicato estava sob a responsabilidade de quem não tinha compromisso prático com os seus usuários, pois era somente uma relação burocrática.

Por alguns anos, o Sindicato foi dirigido de forma equivocada e não representava os anseios dos trabalhadores, foi quando, no início da década de 1980, incentivada pela Comissão Pastoral dos Direitos Humanos (CPDH), da Prelazia de Óbidos, os trabalhadores e trabalhadoras rurais começaram a conscientização da categoria. (SINDICATO DOS TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS DE JURUTI, 2000, p. 1).

A princípio, a criação do Sindicato estava ligada à regularização dos documentos dos trabalhadores rurais, a fim de encaminhá-los para o recebimento do benefício do Funrural para os pequenos agricultores. A direção do Sindicato era escolhida através de conchavos por membros do governo, o que era chamado, na época, de direção “pelega”<sup>7</sup>.

Na medida em que foram sendo aprofundadas as reuniões das CEB, foram descobrindo, também, os vários benefícios de ser sindicalizado. Então, a primeira bandeira de luta foi retirar das mãos dos “pelegos” a direção do Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Isso só ocorreu em 1983, depois de muita luta e resistência. Através de ampla articulação da oposição, conseguiram tirar o Sindicato das mãos dos representantes do governo e, desde então, somente os genuínos trabalhadores rurais assumiram a direção da entidade.

Os pequenos agricultores viram, no Sindicato, uma possibilidade de melhorar suas condições de vida nos seguintes âmbitos:

---

<sup>7</sup> Couro de carneiro macio que se preparava para montarias.

- a) A representatividade: dificilmente uma só família conseguiria barganhar financiamento para agricultura sem o aval do Sindicato;
- b) O respeito imposto aos grandes fazendeiros: com um sindicato fortalecido, dificilmente um fazendeiro roubaria as terras dos pequenos como costumeiramente acontecia. Se um agricultor era prejudicado, podia contar com a reação imediata da massa. Era o efeito “enxame”;
- c) Os cargos eletivos discutidos no Sindicato poderiam trazer benefícios para os agricultores e suas comunidades;
- d) Os sindicalizados poderiam barganhar diversos benefícios junto ao governo, como saúde, transporte de melhor qualidade, mais terras para a produção e educação de qualidade para seus filhos;
- e) Os benefícios previdenciários (aposentadorias, auxílio maternidade, auxílio-doença, dentre outros) seriam destinados ao pequeno agricultor, e não para outras pessoas sem relação com o campo, como antes acontecia quando o sindicato estava nas mãos dos “pelegos”;
- f) Acesso facilitado à assistência técnica agrícola para o melhoramento da cadeia produtiva, desde o plantio até o consumidor final.

O trabalho de conscientização promovido pelas CEB propiciou, aos trabalhadores rurais, uma nova visão a respeito dos problemas graves de submissão que sofriam dos grandes donos de terras do município. Desse modo, compreenderam que, para usufruir plenamente dos benefícios de seus trabalhos e efetivar os critérios de justiça, era preciso contar com a organização e unidade.

No início da década de 80, o país estava em ebulição. Surgiram, por toda parte, grandes movimentos de organização dos trabalhadores. Foi nesse período que aconteceu a criação da CUT, a fundação do Partido dos Trabalhadores e a campanha pelas diretas já. Aqui em Juruti inicia-se um grande trabalho de conscientização política, a partir das Comunidades Eclesiais de Bases da Igreja Católica com a concepção de independência e autonomia sindical. (SINDICATO..., 2000, p. 1).

Para McCowan (2015), nem sempre o que está expresso na lei é retratado na prática. Em várias situações, é necessária a ação efetiva do debate público para se cumprir o que determina o ato legal. Segundo suas reflexões, muitas conquistas legais sobre os direitos humanos estão bem elaboradas nos compêndios, mas, na realidade, são letras mortas. Há a

urgente necessidade da educação se atentar a isso. Na Amazônia, por exemplo, os grandes latifundiários abusam de seu poder para maltratar e explorar o pequeno lavrador. Sem muitos recursos, a alternativa que lhe resta é o Sindicato. “Em 1984, o sindicato passa a atuar a partir de um plano estratégico, tendo como principais bandeiras de lutas: terra, saúde, transporte e educação. Era necessário que construíssemos um sindicalismo de massa e de lutas concretas”. (SINDICATO..., 2000, p. 2).

O Sindicato acabou materializando os ideais propostos nas centenas de encontros das CEB. Desse modo, o trabalho de luta só estava começando. Haveria de chegar o momento de enfrentar os medos e consolidar o direito primordial a um pedaço de terra, onde as famílias pudessem tirar seu sustento com dignidade. Dessa forma, começou o grande embate com os poderosos donos de terra do município.

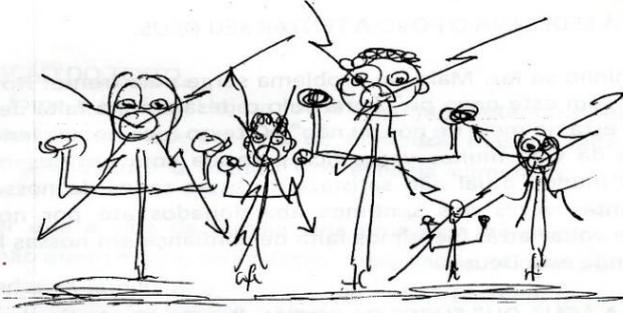
Já em 1985, STTR de Juruti organizou a primeira grande luta pela conquista e permanência na terra para as famílias que moravam e trabalhavam na área do imóvel Jaralândia. Mais tarde, em 1998, esta área se transformou no primeiro assentamento da Reforma Agrária em Juruti e passou a se chamar de Assentamento Nova Esperança, beneficiando 90 famílias. (SINDICATO..., 2000, p. 2).

Paulo Freire (1987, p. 21) reflete que o caminho que leva os oprimidos a chegarem à plena dignidade é o da luta por justiça: “e esta luta somente tem sentido quando os oprimidos, ao buscar recuperar sua humanidade, que é uma forma de criá-la, não se sentem idealistamente opressores, nem se tornam, de fato, opressores dos opressores, mas restauradores da humanidade em ambos”.

O local onde hoje está instalado o assentamento Nova Esperança, região planaltina de Juruti, pertencia a uma rica família de fazendeiros da região que havia conseguido as concessões através de conchavos. Com a metodologia do “Ver, Julgar e Agir” das CEB, os comunitários perceberam que, de fato, eram os verdadeiros donos da terra, pois já viviam por lá há séculos, ainda que os fazendeiros portassem os documentos oficiais de posse. Então era chegado o momento de lutar pelo direito à terra. Com ajuda dos advogados do Sindicato e muita contribuição dos padres e das freiras, os comunitários travaram uma luta jurídica contra os latifundiários, venceram e tomaram posse definitiva da terra. O trecho da cartilha da CEB expresso na figura 4 demonstra bem o momento em que o povo precisava de força para lutar. Logo em seguida, Blumenfeld (1990) faz uma reflexão e uma pergunta como estímulo para partilhar a experiência.

**Figura 4** – Trecho das cartilhas das CEB de Juruti

EXPLIQUE O DESENHO E FAÇA SEU BOM PROPOSITO.



- **QUARTO ROTEIRO: A ORAÇÃO E A LUTA VENCEM O INIMIGO.**  
“Senhor, quanto mais caminho, mais vejo aumentar a estrada”.

A caminhada prosseguia e o povo ia aprendendo que seria um povo livre. O deserto tornou-se a escola da vida. Era como o velho ser humano, nascido na escravidão, tivesse que morrer, para que nascessem novos homens e novas mulheres para servir ao Senhor e viver o projeto de Deus na terra prometida que os esperava. Mas a gente se pergunta, porque estas histórias da travessia pelo deserto quase só deram atenção aos problemas e às dificuldades que surgiram na caminhada? Porque não

Fonte: Acervo documental de Luzia Silva (1990).

A partir desse embate, os padres e as freiras se tornaram os principais alvos de ataques dos fazendeiros, políticos e comerciantes, a ponto de serem ameaçados de morte inúmeras vezes. Em virtude dessas agressões, as freiras Maristella encerraram suas atividades na sede do município e foram transferidas para outras missões. Os padres não se intimidaram e continuaram no município.

### **Pleiteando cargos eletivos**

As primeiras eleições com a participação de trabalhadores rurais eram motivo de chacota por parte de quem ocupava esses cargos por anos a fio. Enquanto os fazendeiros e comerciantes recebiam milhares de votos, os lavradores mal chegavam a centenas deles. Os candidatos lavradores eram praticamente todos saídos das CEB e do Sindicato. Os padres e freiras não entendiam o porquê de os próprios lavradores não votarem em seus companheiros.

Culturalmente, essa consciência de classe é um processo que não se modifica de uma hora para outra, demandando tempo, paciência, persistência, vitórias e derrotas. O próprio Gramsci (1999, p. 106) enfatiza o quanto isso traz energia para lutas futuras:

Quando não se tem a iniciativa na luta e a própria luta termina assim por identificar-se com uma série de derrotas, o determinismo mecânico transforma-se em uma formidável força de resistência moral, de coesão, de

perseverança paciente e obstinada. “Eu estou momentaneamente derrotado, mas a força das coisas trabalha por mim a longo prazo, etc.” A vontade real se disfarça em um ato de fé, numa certa racionalidade da história, numa forma empírica e primitiva de finalismo apaixonado, que surge como um substituto da predestinação, da providência etc.

Em 1987, os grupos de CEB e os sindicatos dos trabalhadores compreenderam a real importância de consolidar a representação na câmara dos vereadores do município e, também, trabalhar no fortalecimento de uma candidatura ao executivo municipal. Dessa forma, centraram esforços em apoiar lideranças que se destacavam nos trabalhos comunitários e que firmavam compromissos diante dos interesses dos pequenos lavradores. Na eleição de 1988, lançaram a candidatura de duas lideranças e, com o apoio das massas, conseguiram as duas vagas na câmara. Desde então, os trabalhadores sempre tiveram representação na casa legislativa de Juruti, mas o próximo passo seria o mais difícil: conquistar o executivo municipal. Após cinco tentativas frustradas de eleger um prefeito, finalmente, em 2004, foi eleito um representante das classes populares que governou por mais duas reeleições.

### **Considerações finais**

Após a morte do papa João XXIII, foi eleito o papa Paulo VI, que deu prosseguimento aos ideais de seu antecessor. Com a morte de Paulo VI, houve o curtíssimo papado de João Paulo I e, logo em seguida, foi eleito João Paulo II. Considerado um papa muito popular e midiático, João Paulo II foi, também, um importante agente na redemocratização dos países que faziam parte do antigo bloco soviético, incluindo seu país natal, a Polônia. Contudo, sua forte atuação anticomunista acabou refletindo no enfraquecimento das Comunidades Eclesiais de Base. Seu braço direito no papado, o cardeal Joseph Ratzinger, que depois se tornaria papa Bento XVI, era um importante teólogo conservador que, em sua carreira como professor doutor, não via Jesus Cristo como um revolucionário político, mas um indutor da fé e da espiritualidade. Além disso, via Maria, sua mãe, como um exemplo de obediência ao sagrado. Essa convicção religiosa de Ratzinger esbarrou no pensamento teológico dos latino-americanos ligados à Teologia da Libertação. A ênfase dessa teologia era a de um Cristo que não tolerava a opressão do seu povo pelo Império Romano; que dava valor aos pobres e marginalizados socialmente (como as viúvas, as prostitutas e os estrangeiros) e que sua morte foi fruto de uma conspiração de Roma para calar um agitador perigoso aos interesses do império. Na visão dos teólogos da libertação, o

Cristo histórico tomou claramente as dores do “partido” dos pobres, o que, para Ratzinger, era uma visão teológica deturpada.

Ratzinger, até a morte de João Paulo II, exerceu a função de prefeito da Doutrina da Fé no Vaticano. Foi um crítico ferrenho dos escritos do teólogo brasileiro Leonardo Boff. A publicação do livro *Igreja: Carisma e Poder* foi considerado uma afronta pelo cardeal. No livro, Boff (1982) enfatiza as fragilidades humanas da Igreja e pondera que sua trajetória histórica foi marcada por espalhar as palavras messiânicas de Jesus Cristo, mas em vários e significativos momentos, afastou-se de sua função de orientar e proteger os indivíduos para usufruir dos benefícios das funções religiosas e da hierarquia sacerdotal. Esse confronto de Boff com a cúpula da Igreja acabou lhe custando o exercício da função de sacerdote e, por fim, o seu afastamento da congregação franciscana.

Essa disputa ideológica de forças antagônicas no interior da Igreja acabou refletindo na formação de novos padres e, conseqüentemente, no desenvolvimento das CEB. Em várias regiões do país, foram fechados os institutos de formação sacerdotal com viés progressista, e os que ficaram mudaram a linha de formação filosófica e teológica para seguir a orientação conservadora do Vaticano. Em Belém do Pará, por exemplo, o Instituto de Pastoral Regional (IPAR), de natureza progressista, deixou de formar padres e foi obrigado a passar a responsabilidade ao Seminário Pio X de matriz conservadora. Dessa forma, os novos padres estão muito mais ligados à liturgia, a louvores e à burocracia da igreja do que com a formação popular, como era antes com os padres ligados às CEB.

Segundo Gallo (2020), a periferia do país perdeu significativamente com o enfraquecimento das CEB. Segundo suas reflexões, por mais que a juventude não tivesse um suporte de reflexão da realidade dentro da escola formal, ela o teria na Igreja Católica, porque, nas CEB, falava-se não apenas sobre religião, mas também se refletia sobre a realidade do município, do bairro e da situação sociopolítica do país. Com isso, formavam-se lideranças com senso da realidade. Sem a presença das CEB, o espaço acabou sendo ocupado pelas igrejas pentecostais e neopentecostais, cuja opção político-ideológica se aproxima do conservadorismo. O apoio da juventude pentecostal e neopentecostal foi importante para a eleição de um presidente ultraconservador em 2018.

O mesmo processo ocorreu em Juruti. Com a saída dos padres e freiras progressistas da sede do município e com a chegada de outros religiosos com viés conservador, as CEB acabaram enfraquecendo. Na atualidade, há pouca relação dos novos religiosos com os movimentos sociais, principalmente com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

De qualquer forma, a cúpula da Igreja Católica, desde a Idade Média, sempre se guiou por interesses políticos e econômicos e, na atualidade, dificilmente seria diferente. Boa parte de sua receita vem de países de economia liberal, como a Alemanha e os Estados Unidos da América, o que, de certa forma, influencia na maneira de agir com seus fiéis. É difícil criticar veementemente o neoliberalismo que exclui boa parte da humanidade dos benefícios econômicos se a própria instituição usufrui desses privilégios. Por mais que o papa atual tente retomar a opção da Igreja pelos desfavorecidos, os interesses econômicos são muito mais poderosos que sua boa vontade. Ademais, a força política religiosa católica vem decaindo ao longo dos tempos.

## Referências

ARAUJO, W. M. P. **Sistema Nacional de Educação e projeto de educação para o país: concepções, oposições e disputas**. 2019. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/10269>. Acesso em: 15 mar. 2022.

BARBOSA, J. D. A. **As Comunidades Eclesiais de Base – CEBs: nas décadas de oitenta e Noventa em Cuiabá-Mato Grosso: espaço popular de construção de Cidadania?** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2008.

BLUMENFIELD, A. **A travessia: um estudo bíblico sobre o Êxodo: Cartilha das CEBs**. Juruti: Paróquia Nossa Senhora da Saúde, 1990.

BOFF, L. **Igreja: carisma e poder**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

CARVALHO, M. E. G.; ESTÊVÃO, C. A. V. Pedagogia crítica e direitos humanos: fundamentos para uma proposta pedagógico-crítica em direitos humanos. **Ensaio**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 80, p. 405-432, jul./set. 2013. Doi: 10.1590/S0104-40362013000300002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/Csfwj77KyKnqDtMnzvzbYWJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2022.

COUTO, R. J. C; COLARES, E. O casulo: o pioneirismo em educação infantil no interior da Amazônia nas décadas de 1970 e 1980. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, Mossoró, v. 7, n. 23, 2021. Doi: 10.21920/recei72021723697715. Disponível em: <http://periodicos.apps.uern.br/index.php/RECEI/article/view/3367/2798>. Acesso em: 14 mar. 2022.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, M. **Paulo Freire e a educação popular**. São Paulo. Instituto Paulo Freire. 2000.

GALLO, S. O fundamentalismo religioso ameaça à democracia brasileira, alerta filósofo Silvio Gallo. Entrevista concedida a Marcelo Gonzatto. **Rádio Gaúcha Zero Hora**, Porto Alegre, RS. 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2020/12/o-fundamentalismo-religioso-ameaca-a-democracia-brasileira-alerta-filosofo-silvio-gallo-ckj8mqtfx0022019w2cwbv15t.html>. Acesso em: 2 nov. 2021

GRAMSCI, A. Caderno 11 (1932-33): Introdução ao estudo da filosofia. In: COUTINHO, C. N. (ed). **Cadernos do cárcere**: introdução ao estudo da filosofia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, p. 494, 1999.

KALISTCHEK, G.; BLUMENFIELD, A. **Reflexões sobre a quaresma**: cartilha das CEBs. Juruti: Paróquia Nossa Senhora da Saúde, 1986.

MARX, K. **O capital**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

McCOWAN, T. O direito humano à aprendizagem e a aprendizagem dos direitos humanos. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 55, p. 25-46, jan./mar. 2015. Doi: 10.1590/0104-4060.39818. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/MnTnDJqDFVS49DqsCXrdwRg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2022.

SANTOS, I. M. F. **Luta e perspectivas da Teologia da Libertação**: o caso da Comunidade São João Batista, Vila Rica, São Paulo: 1980-2000. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-15012007-113700/publico/lutaeperspectiva.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2022.

SINDICATO DOS TRABALHADORES E TRABALHADORAS RURAIS DE JURUTI (STTRJ). **Resgate histórico da luta sindical em Juruti**. Juruti: STTRJ, 2000.

VATICANO, II. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965)**. Tradução tipográfica de Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997.

Submetido em 6 de junho de 2022.

Aprovado em 6 de outubro de 2022